

“A CORRUPÇÃO É DA ESQUERDA E EU NÃO SOU DE ESQUERDA”: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE CORRUPÇÃO DE UM GRUPO BOLSONARISTA DURANTE O PLEITO DE 2022

MICHAEL ALESSANDRO FERREIRA DOS SANTOS¹; ATILA MAGNO E SILVA BARBOSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – michael.alessandro@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – barbosaattila@uol.com.br (Orientador)

1. INTRODUÇÃO

Desde 2013 houve um aumento da participação política de grupos de extrema-direita em vários países da Europa, das Américas do Norte e do Sul, e especificamente no Brasil. Esse fato proporcionou a produção de trabalhos acadêmicos sobre as diversas características desse fenômeno. Sobre este trabalho, a sua perspectiva teórica focaliza a produção de sentidos como exemplificações de práticas dialógicas e compartilhadas. A pergunta de partida desta pesquisa é: como são produzidos os sentidos de corrupção em um grupo específico? Através de uma abordagem qualitativa, este trabalho, subsidiado pela dissertação deste mesmo autor, buscou compreender como ocorre a produção de sentidos de corrupção do grupo Bahia Direita durante e após a eleição de 2022. Para proceder à investigação, foram realizadas pesquisas teóricas sobre as novíssimas direitas (ROSA, 2022) e o bolsonarismo ao longo da última década.

Entre 1985 e 2018 a redemocratização no Brasil foi sendo consolidada mediante eleições livres, regulares, pela salvaguarda dos direitos políticos de boa parte da população e pela garantia de que os candidatos eleitos seriam empossados. Tal processo foi marcado pela predominância de forças políticas de centro-direita e centro-esquerda (PSDB e PT, respectivamente) que dominaram a cena política no país no âmbito do Executivo federal entre os anos de 1994 e 2016.

A partir dos anos 2000 uma movimentação de grupos de extrema-direita foi vislumbrada de maneira mais significativa no debate público. Alguns elementos podem auxiliar na compreensão desse fenômeno, e alguns deles são: a) descrédito da classe política em relação à população, b) frequentes e intensas mudanças no *status quo* e c) um crescente sentimento antipolítico foram alguns dos elementos que fomentaram as manifestações de rua no início da segunda década do século XXI no Brasil. Mais precisamente a partir dos primeiros anos da década de 2010, grupos de extrema-direita passaram a ter uma participação mais intensa no espaço público brasileiro.

Essa forma de articulação política passou a readequar antigas reivindicações como uma espécie de reação aos anos de governos de esquerda e/ou centro-esquerda na América Latina, e especificamente no Brasil entre os anos 2003 e 2016. Nesse sentido, uma figura em especial conseguiu juntar pautas e discursos específicos, e essa figura é o Ex-Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Mesmo que – provavelmente – ele não tenha atuado de maneira intencional para tornar-se o paladino da extrema-direita nacional, é inegável que esse movimento encontrou na sua personificação o elemento que faltava para a sua legitimação social, por assim dizer.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho compreendeu a realização das seguintes atividades: 1) pesquisas teóricas sobre bolsonarismo/extrema-direita brasileira contemporânea; 2) pesquisas teóricas sobre corrupção no contexto brasileiro a partir do século XX e as suas problemáticas teóricas; 3) observação e acompanhamento do grupo Bahia Direita na plataforma Instagram; 4) duas observações participantes durante os meses de julho e setembro de 2022 na cidade de Salvador/BA; 5) acompanhamento das manifestações reais e/ou virtuais do referido grupo durante o pleito de 2022.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o fito de argumentação sobre toda a lógica especificamente presente no caso do *bolsonarismo*, é possível inferir que essa forma de mobilização política e social vê o Partido dos Trabalhadores (PT) como um deus: onipotente, onipresente e onisciente. A sua construção argumentativa perpassa elementos que caracterizam o partido citado como se tal agremiação fosse responsável por emoldurar estratégias globais de organização da esquerda, influenciar e decidir os rumos de instituições – inclusive daquelas que não são brasileiras – e mobilizar qualquer coisa para perpetuar-se no poder.

Em que pese a obviedade de todo partido político ter o seu projeto de poder – e isso está na própria gênese do que é ser um partido político - esse partido brasileiro dificilmente conseguiria atuar da forma como os bolsonaristas confabulam. Outro ponto a ser destacado: a institucionalidade brasileira é encarada como um entrave ilegítimo para todos aqueles grupos que, na esteira das grandes manifestações que ocorreram no país ao longo dos últimos dez anos, enfeixam uma postura discursiva e sociopolítica de extrema-direita.

Por mais que figuras de lideranças desses grupos (e com o grupo Bahia Direita não é diferente) afirmem respeitar a institucionalidade política e jurídica do país, o que ocorre é um desejo sistematicamente confirmado pela ação repetitiva que visa desacreditar e minar a confiança popular nas instituições do país, a exemplo das sucessivas investidas discursivas e físicas contra o Supremo Tribunal Federal (STF), o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o próprio Congresso Nacional. Assim:

A extrema-direita, reacionária e revolucionária — no contexto em que deseja demolir as estruturas de Estado para construir um novo velho, à sua imagem e semelhança — vê as práticas sociais de modo hierarquizado. O mando e a obediência, enquanto posições, são dados e definidos, imutáveis, sendo pela sua manifesta vontade definida, convergindo voluntarismo, supressão da vontade coletiva quando não puser impor, ela mesma, a vontade da maioria, e os parâmetros morais por ela definidos e buscados em um passado distante como ideais para a nação. [...] A extrema-direita não pretende conservar estruturas, mas mudá-las radicalmente enquanto reação ao fantasma do comunismo, no terreno do imaginário, e ao petismo, no terreno da concretude (SANTOS; MACIEL-BAQUEIRO, 2023).

Voltando para a pergunta de partida desta investigação, ela almejava responder e compreender como eram produzidos os sentidos de corrupção em um grupo específico. Sobre este ponto, e de acordo com o que foi exposto ao longo de todo este trabalho, podemos depreender os seguintes aspectos: 1º) a produção de

sentidos de corrupção do grupo analisado ocorre mediante um processo de socialização primária e secundária - pegando por empréstimo esses conceitos da argumentação de BERGER; LUCKMANN (2014) -, em que os seus participantes, favorecidos pela proximidade e fortalecidos pelos vínculos de confiança e reciprocidade, criam um ambiente propício para o fortalecimento de uma linguagem comum de entendimento.

2º) A corrupção econômica é um elemento que está subordinado à corrupção moral. Dito de outra maneira: se o fenômeno ou a situação é feita por um correligionário, ela ganha outros sentidos, podendo ser atenuada, ou, justificada como prática política para que outras sejam evitadas; 3º) uma prática ou um correligionário jamais terá sobre si um sentido corrupto, por mais que exemplos fáticos afirmem isso. A produção de sentidos de corrupção no grupo em questão ocorre da seguinte maneira: os participantes unem-se por laços de socialização primária e secundária, confiam na informação recebida, tomam como verdadeira toda premissa elaborada pela sua coletividade, ao mesmo tempo em que elaboram elementos semelhantes para falar dos mesmos fenômenos e/ou das mesmas situações.

Todo o processo de socialização primária e secundária ocorre mediante encontros presenciais e, principalmente, trocas de mensagens nos aplicativos Whatsapp, Telegram, Facebook e Instagram. As mídias digitais funcionam como elementos que replicam as ideias e as mensagens do grupo, além de funcionarem como canais seguros para divulgação e compartilhamento de ideias, ações e sentidos sobre alguns fenômenos políticos. As mídias digitais alargaram os processos iniciais de socialização primária e secundária, fortalecendo-os mediante as sucessivas investidas e replicações das mesmas ideias que, fossem percebidas pelas pessoas ou não, deveriam ser aceitas para que houvesse uma linguagem comum de entendimento entre elas.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho inovou ao abordar o tema da corrupção para além de manifestações “apenas” relacionadas à malversação de recursos pecuniários públicos e/ou privados; focando as suas análises nas produções de sentidos que podem ser atribuídos a esse elemento em contextos de disputas políticas tão díspares. Lançando mão de um referencial teórico que compreende a produção de sentidos como uma prática dialógica e compartilhada e não apenas como uma percepção e uma criação individuais, joga luz e auxilia na reflexão sobre como os sentidos para as ações de pessoas e grupos são desenvolvidos e a partir de quais elementos eles conseguem legitimar e exprimir certas ideias e práticas políticas, sociais e culturais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2014.

DA EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições.** São Paulo, SP: Vestígio, 2019.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2018.

LYNCH, C.; CASSIMIRO, P. H. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo.** São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2022.

MACIEL-BAQUEIRO, L. M.; SANTOS, M. A. F. dos. Dois caminhos da dissonância cognitiva no bolsonarismo: narcisismo coletivo e desengajamento moral. **Ideias**, v. 14, n. 00, p. 1-23, 2023.

ROCHA, C. **Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil.** São Paulo: Todavia, 2021.

ROSA, P. O.; BRAGA, T.; ÂNGELO, V. de. Novíssimas direitas, pós-verdade e “estética da zoeira”. **Psicologia Política**, v. 22, n. 53. p. 123-142, 2022.

SANTOS, M. A. F. dos. **“A corrupção é da esquerda e eu não sou de esquerda”: a produção de sentidos de corrupção de um grupo bolsonarista durante o pleito de 2022.** 2023. 185f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, M. A. F. dos; MACIEL-BAQUEIRO, L. M. “Abaixo à ditadura da realidade”: conceituando os mitos do bolsonarismo. In: CRUZ, D. U. da. **O Brasil Pós Eleições 2022: para pensar os desafios e problemas logo à frente.** Salvador: Pinaúna, 2023. Cap. 7, p. 171-195.